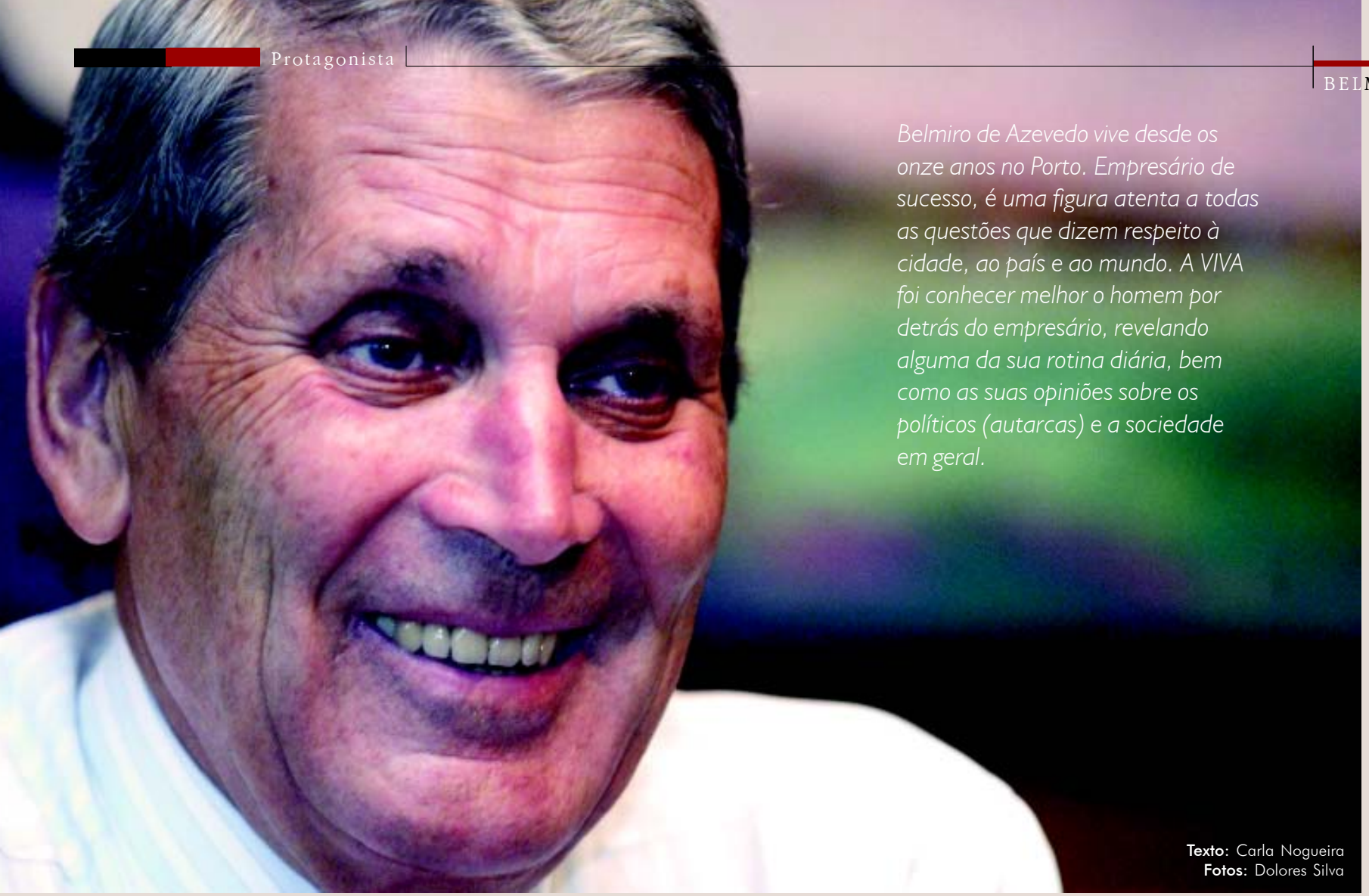


Belmiro de Azevedo vive desde os onze anos no Porto. Empresário de sucesso, é uma figura atenta a todas as questões que dizem respeito à cidade, ao país e ao mundo. A VIVA foi conhecer melhor o homem por detrás do empresário, revelando alguma da sua rotina diária, bem como as suas opiniões sobre os políticos (autarcas) e a sociedade em geral.

Texto: Carla Nogueira
Fotos: Dolores Silva

Um cidadão do mundo

O nome Belmiro de Azevedo não é indiferente a ninguém. O presidente do Conselho de Administração da Sonae é um dos mais conhecidos homens do Norte. Licenciou-se em Química Industrial, na Universidade do Porto. Em 1973 especializou-se em Gestão de Empresas na Universidade de Harvard e doze anos depois frequentou, na Universidade de Stanford, o Financial Management Programme. É desde 1985 o accionista maioritário do grupo Sonae, a que está ligado desde 1965.

Empresário de sucesso, nascido numa aldeia no Marco de Canavezes, foi no Porto que viveu a maior parte da sua vida. Recorda a sua infância e juventude como felizes. Desses períodos ainda mantém hoje muitos amigos e boas recordações. Jogava à bola na Rua Faria de Guimarães, ia aos bailes de S. João na Rua do Paraíso e frequentava os cafés do Marquês. *"Vivi ali durante bastante tempo, sendo uma espécie de república durante o dia, onde se jogava às cartas"*, refere.

Na sua opinião, nos últimos trinta anos pouco se fez no Porto. *"Foi uma cidade que parou"*, diz. Apesar de ter consciência de que foram feitas algumas obras, criaram-se novas infraestruturas e vias de comunicação, a verdade é que os habitantes foram viver para os concelhos limítrofes. Considera por isso que ainda há muito para se fazer, alertando para o futuro. *"O actual presidente da Câmara do Porto disse no início do seu mandato que não tinha dinheiro para fazer nada, pois havia dívidas a saldar da regência anterior. Espero que ele, ou outro que venha a ganhar as eleições, tenha agora os cofres cheios para fazer coisas interessantes pelo Porto"*, frisa.

Cidade envelhecida

Belmiro de Azevedo dá como sugestão ir até ao cimo de um dos hotéis do Porto observar a fisionomia da cidade. Segundo o empresário, rapidamente se constatará que no centro da cidade há vários quarteirões com casas velhas e abandonadas que precisam de ser recuperadas. Tem pena da actual situação dalguns dos mais emblemáticos equipamentos, nomeadamente do Mercado do Bolhão. *"Hoje é um centro de contestação, se calhar até com alguma razão, porque merecia um tratamento diferente do que foi feito"*. Menciona também o museu Soares dos Reis e o Palácio de Cristal como alguns dos espaços que perderam a visibilidade doutros tempos. A zona de Cordoaria foi na sua juventude um local importante de estudo e namoro, hoje é para si uma zona estéril e insegura. *"Foi desumanizada, ficou mais «transparente», mas perdeu-se sossego e não se criou animação e incentivos ao uso"*.

E o que faz falta no Porto? *"Falta liderança, um plano estratégico, falta capacidade de execução. Falta ter muitas vezes coragem para tomar certas opções"*, salienta. A política só o seduz na medida em que gosta de se manter atento e informado das decisões que são tomadas. *"Genuinamente gostaria é que os políticos fossem mais estrategas, gerissem melhor, criassem mais riqueza e emprego"*, diz.

Belmiro de Azevedo afirma que os mais belos locais do Porto se concentram em volta do Palácio da Bolsa e do mercado Ferreira Borges. *"A Ribeira é uma zona muito bonita, assim como a Foz, mas podiam ser desfrutadas muito mais"*. A título de exemplo refere que no que diz respeito à Ribeira *"ninguém teve coragem de aproveitar leis de expropriação para fazer intervenções a sério; foram-se fazendo algumas obras, mas podia-se fazer muito mais"*.

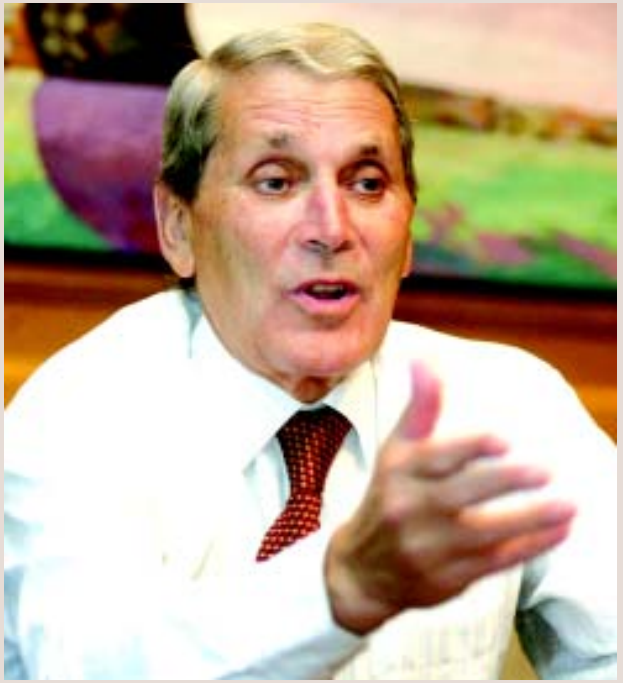
O empresário não é comedido nos elogios para caracterizar o Porto, utilizando a expressão *"cidade do trabalho"*, e os substantivos *"transparência"*, *"amizade"* e *"co-habitação"* como os mais ilustrativos da Invicta. Refere que aqui, e de uma forma geral nos concelhos à volta do Porto, os relacionamentos de amizade são mais profundos e espontâneos, embora ache que no Porto está a cair em desuso cumprimentar os vizinhos, provavelmente pelo ritmo de vida.

O seu quotidiano

Acorda bastante cedo, por volta das 6h ou 6h30, faz o café para si e para a sua mulher e depois vai para o health club até às 10h. Em seguida vai para a Sonae, donde regressa a casa por volta das 20h.

Dizem-lhe que é um patrão *"super exigente"*, mas considera que *"é normal o que pede"*. Há algumas características que exige aos seus colaboradores e a sinceridade é uma delas, sendo na sua opinião uma das condições para não se criarem inimizades. *"As pessoas têm de ser completamente francas e transparentes"*, frisa. Por outro lado, considera que é importante que as pessoas adoptem uma atitude positiva, compartilhando o conhecimento como forma de se enriquecerem.

Não costuma levar trabalho para casa, a não ser *"umas coisinhas para ler"*, diz sorrindo. Aos fins de sema-



na vai para uma quinta que tem no Marco de Canavezes, onde relaxa e recarrega energias, confraternizando mais intensamente com a família, nomeadamente os seus três filhos. Questionado sobre que lugar ocupa a família na sua vida, refere na brincadeira que a *"mulher diz que pouco e os filhos assim, assim"*. Mas garante que dois sétimos são única exclusivamente para eles, isto é, dois dias por semana são passados quase sempre no Marco de Canaveses, onde a família se reúne sempre que pode. *"Cada pessoa deve ser responsável pela equação do tempo dedicado aos seus compromissos, tendo que encontrar um equilíbrio"*.

A leitura ocupa-lhe cerca de três horas diárias, sendo um dos seus passatempos favoritos. Os géneros são bastante variados. Ultimamente tem lido memórias e livros sobre a história moderna da Europa.

Vê cada vez menos televisão, porque considera que os seus conteúdos são fracos. Geralmente assiste a programas no canal 2 ou nas televisões internacionais, nomeadamente o National Geographic Magazine. Para Belmiro de Azevedo *"Ler é mais importante para a cultura do que ver"*. Dá como exemplo a Finlândia que é uma sociedade extremamente culta, onde se lê imenso e se vê pouca televisão. *"Ainda continua a ser uma prática corrente os serões de província, em que os pais ou os filhos mais velhos lêem livros aos mais novos"*, conta.

Que futuro para Portugal?

Perante a pergunta *"que futuro para Portugal"*, responde que queria que o país fosse ganhador para todos viverem melhor. *"O futuro de Portugal é aquele que os portugueses quiserem fazer"*, salienta.

Acredita que as pessoas têm de ser mais positivas. Refere que muitas vezes se ouve falar de *"emprego para a vida"*, mas tal não existe. Segundo ele, a Comunicação Social e as organizações partidárias, sindicais e patronais são fechadas nessa matéria, contribuindo para que haja uma ideia colectiva. *"As pessoas têm de pensar que o próximo emprego vai ser melhor do que o anterior"*, afirma. Para Belmiro de Azevedo, o ideal seria fazer uma *"carreira cruzada"* constituída por distintas experiências (na cultura, por exemplo), permitindo-lhes fazer coisas diferentes ao longo do seu percurso.